

RELAÇÕES FORMATIVAS DO LIVRO DE PROVÉRBIOS

Lucas Merlo Nascimento¹

RESUMO

Este artigo pretende pontuar algumas relações de caráter formativo quanto ao livro de Provérbios. Consiste em uma série de quatro relações que auxiliam na compreensão da formação do livro: primeiro, analiso a relação com a sabedoria popular; segundo, com a figura do “sábio”; terceiro, com o nome do rei Salomão; e, por último, a relação com a sabedoria extra israelita, principalmente conjuntos proverbiais estrangeiros presente no livro de Provérbios.

Palavras-chave: Provérbios, sabedoria popular, sábios, Salomão, sabedoria extra israelita.

ABSTRACT

This article point some relationships about the formation of Proverbs. It consists at four relationships that help to understand the formation of the book: at first it analyze the relationship with the popular wisdom; at second with the "wise"; at third with the name of the king Solomon, and, finally, the relationship with the “extra Israelite” wisdom, especially the aliens proverbial sets presents at the book of Proverbs.

Keywords: Keywords: Proverbs, popular wisdom, wise, Solomon, “extra Israelite” wisdom.

INTRODUÇÃO

A sabedoria na Bíblia Hebraica é representada por um conjunto de três livros: Jó, Provérbios e Eclesiastes, ainda que outros possuam também conteúdos sapienciais (por exemplo, o Salmo 1). Nesses, discutem-se desde temas mais cotidianos, como a necessidade de obedecer aos pais ou fugir da mulher lasciva, por exemplo, passando por temas teológicos, como a relação entre a justiça divina e o sofrimento humano, presentes no livro de Jó, até temas mais filosóficos, como o (des-)valor da vida humana e a futilidade das coisas (Eclesiastes).

A sabedoria nasce da experiência. Um olhar para as palavras hebraicas que denotam a sabedoria nos mostra isso: *da'at* (conhecimento) e *hokma* (sabedoria) são palavras que se ligam à habilidade técnica, ao 'saber fazer'². É o cotidiano, seus problemas, impasses e questionamentos que levam à construção de uma sabedoria: como sobrevivemos em meio aos dilemas da vida? Quais os melhores caminhos a seguir, a fim de que a vida corra bem? De certo que nessas questões, algumas posturas são mais simplistas, enquanto outras mais elaboradas e questionadoras.

A variedade das questões e ênfases na literatura sapiencial mostra também o longo processo a que está submetida. Algumas porções de sabedoria podem ser antiquíssimas, nascentes de um cotidiano (Provérbios 10,4, sobre a persistência no trabalho), enquanto outras envolvem reflexões abrangentes sobre a vida (Eclesiastes 1, sobre a ciclicidade da vida). Dessa forma, o conjunto de literatura sapiencial consiste em um longo processo de construção e, inclusive, de diálogo com outros sistemas de pensamento. Para compreendê-la, portanto, é necessário um olhar para sua construção, suas raízes, e influências. É isso que proponho.

Provérbios e sabedoria popular

A partir desse panorama da literatura sapiencial, mostrando sua variedade, seus temas e seu tempo de construção, volto-me ao livro de Provérbios, contendo representantes da mais simples sabedoria: os provérbios. Não se compreenda "simples" como desprovida de reflexão – são "simples" porque lidam com questões pontuais, problemas vivenciais: ensino de filhos, opressão dos pobres, preguiça. Com isso não se quer dizer que o livro de Provérbios é, todo ele, fruto dessa sabedoria simples. Provérbios contém elaboração posterior, releituras 'teologizantes', reflexões extensas, por exemplo, o hino à sabedoria (Provérbios 8). Porém, a forma mais simples da sabedoria, os provér-

bios populares, pode ser encontrada aí – é desse material proverbial que nasce o livro de Provérbios, para posteriormente receber pensamentos mais elaborados.

Mas a final, que é um provérbio? A palavra *mashal*, advinda da raiz *mshl* (ser como, assemelhar-se), no livro de Provérbios³ indica um conjunto de gêneros sapienciais, desde os ditos populares até provérbios numéricos (Provérbios 30,15-33). Dentre esses, o mais simples é o provérbio popular, ou dito popular, como os que temos em português: “Casa de ferreiro, espeto de pau”. Esses ditos nascem, como o nome diz, da sabedoria popular, da observação cotidiana.

Essa relação entre esses provérbios populares e o cotidiano pode ser visto em dois textos fora do livro de Provérbios. Tais textos são importantes uma vez que estão contidos dentro de contextos que dão ao leitor o horizonte vivencial dos provérbios.

Em 1Samuel 10,11-12 lê-se:

Todos os que, dantes, o conheciam, vendo que ele profetizava com os profetas, diziam uns aos outros: Que é isso que sucedeu ao filho de Quis? Está também Saul entre os profetas? Então, um homem respondeu: Pois quem é o pai deles? Pelo que se tornou em provérbio: *Está também Saul entre os profetas?*⁴

Neste texto vê-se como o provérbio popular nasce de um cotidiano: uma frase dita num momento qualquer e que se torna um tipo de ‘modelo’. Quando outro fato semelhante ocorre, a frase ‘modelo’ se aplica, havendo comparação. Neste caso, pela estranheza de Saul profetizar, surge um provérbio que ressalta a presença de um elemento estranho onde naturalmente não ocorreria. Concretamente se pode imaginar diversas situações: um boi entre ovelhas, um profeta entre sacerdotes e qualquer outra situação que envolva um elemento estranho, como um rei entre profetas.

Também Ezequiel 16,44 pode ajudar na compreensão do provérbio popular. Diz o texto:

Eis que todo o que usa de provérbios usará contra ti este, dizendo: *Tal mãe, tal filha.*⁵

O profeta Ezequiel aplica um provérbio popular a Jerusalém. A cidade seguira os caminhos de sua mãe, Judá. Os mesmos pecados e transgressões a acompanharam. Por isso, Jerusalém é comparada a sua mãe, por

meio de um provérbio já existente que ressalta a continuidade de características entre gerações.

Nestes dois textos a mesma palavra, *mashal*, é usada para se referir a um provérbio popular: uma frase direta, simples, que é usada, por comparação, em situações semelhantes à original.

De fato, este tipo de provérbio não é o conteúdo de todo livro de Provérbios: ele foi reelaborado, relido. Porém, é esse tipo mais simples o “chão” do livro: é dele que o livro nasce e nele se fundamenta. Assim, pode-se ver ainda alguns desses provérbios a partir das releituras presentes no livro. Tomemos como exemplo Provérbios 10,6 e 10,11⁶:

Bênçãos há sobre a cabeça do justo,
mas a violência cobre a boca dos perversos.

A boca do justo é fonte de vida,
mas a violência cobre a boca dos perversos.

Também notamos Provérbios 10,15 e 18,11:

Os bens do rico são a sua cidade forte,
a pobreza dos pobres a sua ruína.

Os bens do rico são a sua cidade forte,
e como uma muralha na sua imaginação.

Nestas quatro unidades, percebe-se tanto o provérbio como um dito direto, curto, assim como as reflexões posteriores realizadas a partir dele. Nestes casos, os trechos em *itálico* consistem em provérbios originais, usados e adaptados em diferentes momentos:

A violência cobre a boca dos perversos. (Provérbios 10,6.11)

Os bens do rico são sua cidade forte. (Provérbios 10,15; 18,11)

O conjunto desses provérbios articulados com complementos ou ainda com outros provérbios é chamado sentença⁷. Sentenças são construções que pertencem a um segundo momento do provérbio, já não construídos espontaneamente a partir de uma cotidianidade, mas fruto de uma reflexão e organização de provérbios pré-existentes.

Dessa maneira, temos no livro de Provérbios exemplos da origem da sabedoria israelita, dentre aquele cotidiano observado e formulado em frases

diretas que, por comparação, são aplicáveis em situações semelhantes.

Provérbios e os “Sábios”

Outra relação de destaque no livro de Provérbios, mais vinculado à composição do livro, é a figura do sábio ou dos sábios. Foram esses sábios os responsáveis pela construção do livro, pela compilação de diversos provérbios populares como acima falávamos, e também pelas reflexões baseadas nesses provérbios.

Ao falarmos em sábio, a primeira impressão é a de um “senhor barbudo” que fala coisas profundas sobre a vida humana, uma espécie de filósofo ao qual só cabe a tarefa de pensar. Porém essa ideia não faz jus à figura do sábio no Antigo Testamento, e nem ajuda na compreensão de sua função na construção do livro de Provérbios.

O sábio no Antigo Testamento é mais que um “senhor de barbas”. Sua figura está diretamente ligada à sua capacidade de ler e escrever. Não é ele, necessariamente, que produz sabedoria, senão que a ensina. O sábio é, pois, um funcionário da corte capaz de ler e escrever. Uma vez que a leitura e a escrita não são capacidades “democráticas” no mundo antigo, aqueles que as detêm o fazem porque estão diretamente ligadas às suas funções vitais: precisam saber ler e escrever uma vez que lidam com documentos da corte, registros, cartas, relações internacionais. Os sábios estão, pois, ligados à atividade secretarial vinculada ao processo documental.

Porém, apenas esse vínculo não explicaria o título de sábio. Bastaria chamá-los de secretários ou escribas para fazer jus a sua atividade. Mas, justamente na capacidade de ler e escrever e, portanto, de copiar, compilar e editar documentos é que se desdobra o título de sábio. Isso porque, ao deter as capacidades de ler e escrever, se tornam responsáveis por transmitir esses conhecimentos, são professores da educação cortesã⁸.

Como responsável pela educação cortesã, o sábio também registra/compila/compõe unidades de sabedoria que são utilizadas na educação. Esses conjuntos de sabedoria são utilizados de duas formas: 1. Para instrução oral, ensinando princípios de vida aos funcionários e à descendência real; 2. Como material de ensino motriz, onde pela cópia de pequenas unidades escritas, o aluno aprende a ler e escrever.

Em síntese, o sábio é um funcionário da corte que, por conhecer as letras, trabalha com todo tipo de documentos, confeccionando-os, arquivando-os, coletando-os. Porém, ao lidar com as letras, também se torna responsável por transmiti-las, ensinando a corte a ler e escrever. Nessa atividade, também utiliza porções de sabedoria no processo de ensino.

Dessa figura dinâmica do sábio, que existiu em pluralidade na corte (os sábios), surge o livro de Provérbios como compilação de sabedoria para o ensino cortesão. São os sábios, funcionários régios, os responsáveis pela compilação desse material usado didaticamente (Provérbios 22,17; 24,23).

Provérbios e Salomão

Não poderia falar de relações formativas quanto ao livro de Provérbios sem fazer referência ao nome do rei Salomão. Por três vezes o livro de Provérbio refere-se a um conjunto de ditos populares como sendo mishlei shlomoh “provérbios de Salomão”. Também em 1 Reis 3,5-14 lê-se que Salomão pedira a Deus sabedoria em vez de riquezas e poder e, por isso, Deus lhe concedera sabedoria à qual não haveria maior antes ou depois dele. Desta maneira, Salomão é conhecido como o rei sábio (veja ainda 1 Reis 5,9-14; 10,1-10).

Mas, em que consiste a sabedoria salomônica? Porque muitos provérbios são atribuídos a ele? A resposta a essas questões está estreitamente ligada à administração salomônica.

Enquanto Davi, seu pai e antecessor no trono israelita, fora um conquistador, um guerreiro, Salomão fora um administrador. O reinado de Salomão se desenvolveu debaixo de intensas relações mercantis e internacionais. Salomão tivera relações com os fenícios (1 Reis 9,10-14), egípcios (1 Reis 3,1), e, desenvolvera atividades marítimas e exploratórias (1 Reis 9,26-28). Internamente, criou um sistema de províncias administrativas, onde cada uma possuía um ‘prefeito’ responsável pela administração local (1 Reis 4,7-19). Além disso, Salomão desenvolveu o exército e construiu o templo (1 Reis 5-8), importante elemento ideológico para manutenção da monarquia.

Quando se considera esse amplo sistema administrativo de Salomão, uma consequência que se observa é a necessidade de funcionários, e justamente aí reside a sabedoria salomônica⁹. Uma vez que a administração régia cresceu sob o comando de Salomão, cresceram também o número de funcionários: secretários, prefeitos, dentre outros. Dessa maneira, a sabedoria salomônica está diretamente ligada à figura do sábio, já

acima analisada. No sábio, enquanto funcionário e cortesão, responsável por diversas atividades, encontram-se Salomão e a sabedoria. Salomão como promulgador de uma ampla rede administrativa, cada vez mais demandava pessoas letradas e que fossem bons administradores, que tivessem, pois, sabedoria.

Com essa demanda de funcionários no período de Salomão a literatura sapiencial cresceu enquanto material de ensino, fosse para letramento, ou para princípios de sabedoria que auxiliassem na administração. Em função dessa particularidade, recebeu o título de rei sábio.

Sabedoria não israelita em Provérbios

Até então vimos três relações que contribuíram para a formação do livro de Provérbios: 1. As origens nos provérbios populares; 2. A influência da figura do sábio e a utilização no ensino cortesão; 3. O rei Salomão, enquanto construtor de uma ampla rede administrativa que demandava funcionários sábios (letrados e administradores), fomentando, deste modo, a sabedoria em seu tempo.

Porém, há no livro de Provérbios um conjunto de textos que extrapola as relações acima descritas. São conjuntos sapienciais extra israelitas que compõem uma parcela considerável do livro de Provérbios e, portanto, contribuíram em sua formação.

A sabedoria não é particularidade israelita. Hoje conhecemos porções de sabedoria das mais diversas: a sabedoria do repentista nordestino, do cacique índio, a milenar sabedoria chinesa. Aproximando-nos do horizonte bíblico, tem-se conhecimento da sabedoria de diversos povos do Antigo Oriente Próximo: Egito, Mesopotâmia, Ugarit, dentre outros.

Nos escritos bíblicos, essa sabedoria extra israelita pode ser notada tanto em referências menos diretas quanto em conteúdos extra israelitas, incorporados na literatura bíblica. No livro do profeta Jeremias (49,7) é referida a sabedoria dos edomitas. Também a história de Jó deve ser de fora de Israel, pois em Jó 1,1 diz-se que ele era de Uz, provável referência a Edom (Lamentações 4,21). Em 1,3 é relatado que Jó era o homem mais rico do Oriente, o que indica, para quem está na Palestina, que se refere à terra da Transjordânia. Por outro lado, é preciso compreender que as reflexões no livro de Eclesiastes não poderiam ser efetuadas sem o contato com o mundo grego.

Nesses textos, seja por uma referência direta, seja por empréstimos de outras culturas, vê-se que a sabedoria de fora de Israel tanto foi notada como contribuiu formativamente no conjunto de sabedoria da Bíblia Hebraica. Mais

especificamente no livro de Provérbios essa influência estrangeira pode ser percebida, como exemplo, em três conjuntos: em 22,17-24,22; 30,1-6 e 31,1-9.

Em 22,17-24 tem-se porções significativas retiradas das *Instruções de Amenemopet*. Este conjunto é atribuído a *Amenemopet*, filho de *Kanakht*, que teria escrito porções de sabedoria para seu filho. As discussões sobre a data das *Instruções de Amenemopet* são amplas. Sugere-se que por volta do século X se deu a sua composição, ainda que essa data não seja questão resolvida¹⁰.

O livro consta de trinta capítulos, onde *Amenemopet*, filho de *Kanakht*, ensina seu filho princípios de vida, relações pessoais, comerciais, judiciais, relações de poder dentre outras, a serem guardados no coração.

Os paralelos com Provérbios 22,17-24,22 podem ser notados abaixo¹¹:

Provérbios

22:17 - 18	Amenemopet 3:9 - 11; 3:16 (Cap.1)
22:19	1:7 (Introdução)
22:20	27:7 - 8 (Cap, XXX)
22:21	1:5 - 6 (Introdução)
22:22	4:4 - 5 (Cap. XI)
22:23	sem paralelo
22:24	11:13 - 14 (Cap, IX)
22:25	13:8 - 9 (Cap, IX)
22:26 - 27	sem paralelo
22:28	7: 12 - 13 (Cap, VI)
22:29	27:16 - 17 (Cap, XXX)
23:1 - 3	23:13 - 18 (Cap, XXIII)
23:4 - 5	9:14 - 10:5 (Cap, VII)
23:6 - 7	14:5 - 10 (Cap, XI)
23:08	14:17 - 18 (Cap, XI)
23:09	22:11 - 12 (Cap, XXI)
23:10 - 11	7:12 - 15; 8:9 - 10 (Cap, VI)
23:12 - 24:10	sem paralelo
24:11	11:6 - 7 (Cap, VIII)
24:12 - 22	sem paralelo

Tais *Instruções* poderiam ter sido inseridas na sabedoria israelita no tempo de Salomão, uma vez que sob ele Israel teve boas relações estrangeiras, inclusive com o Egito. Isso pode ser notado em 1 Reis 3, 1, onde lê-se que teria se casado com a filha do faraó. Essa relação com os egípcios, somada à ampliação administrativa de Salomão e, portanto, da figura do sábio, explicaria a inserção de material egípcio no conjunto da sabedoria israelita.

Outras duas unidades não exemplares israelitas que constituem o livro de Provérbios são as palavras de *Agur* (30, 1-6) e da mãe do rei *Lemuel* (31, 1-9). Se o termo *massa'*, que aparece no cabeçalho de ambas as unidades (30, 1; 31, 1), for uma referência geográfica, não sendo traduzida como 'oráculo', indica uma ligação das unidades com os árabes (veja Gênesis 25, 14). Teríamos, pois, dois exemplos de sabedoria árabe adotados. Ainda que *massa'* não seja uma referência geográfica, ao menos 31, 1-9 deverá ser extra israelita, uma vez que *Lemuel* é caracterizado como rei (31, 1), e não há rei israelita com este nome.

Nestas unidades é destacada a limitação do ser humano e a grandiosidade de Deus e sua palavra (30, 1-6). Destaca também a necessidade do rei fugir da bebida forte, da mulher lasciva e reinar de forma justa (31, 1-9).

A partir dessas três unidades, nota-se como a sabedoria extra israelita é adotada, incorporada e compreendida à luz da sabedoria israelita, que tem como fundamento o temor a Javé (Provérbios 1, 7).

Palavras finais

A partir dos levantamentos realizados, acerca de algumas relações formativas do livro de Provérbios, pode-se compreender sua função didática. Os provérbios, enquanto textos curtos, de origem popular, poderiam ser usados no ensino motriz, no aprendizado da escrita. Como portadores de sabedoria e de fácil memorização, serviriam para 'ensino administrativo' na corte¹².

Para esse fim, compilações de provérbios populares e também de sabedoria estrangeira foram realizadas, sob o reinado de Salomão, o rei sábio (Provérbios 1, 1), sob Ezequias (Provérbios 25, 1), e provavelmente outras revisões e compilações posteriores foram feitas.

Esses levantamentos sobre a formação do livro de Provérbios ajudam a encaminhar sua leitura: Provérbios é livro didático, traz ensino para capacitar ao discernimento, à construção de um bom senso iluminado pela fé em Javé.

BIBLIOGRAFIA

- BAKOS, Margaret Marchiori. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre : ediPUCRS, 2009.
- BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo : ASTE, 1968.
- BÍBLIA. Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP : Sociedade Bíblica do Brasil. 1993.
- BLACK, James Roger. *The Instruction of Amenemope: a critical edition and commentary prolegomenon and prologue*. University of Wisconsin-Madison, 2002. (tese doutoral).
- CERESKO, Anthony. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo : Paulus, 2004.
- HILL, Andrew, WALTON, John. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo : Vida, 2006.
- PRITCHARD, James B. (edit.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton : Princeton University Press, 1969.
- RENDTORFF, Rolf. *Antigo Testamento: uma introdução*. Santo André, SP : Academia Cristã, 2009.
- SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo : Oikos, 2008.
- SCHWANTES, Milton. *Sentenças e Provérbios*. São Leopoldo : Oikos, 2009.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. *Tirando o pó das palavras*. São Paulo : Cedro, 1005.
- WALTKE, Bruce K. *The Book of Proverbs and Ancient Wisdom Literature*. Bibliotheca Sacra 136 (Jul-Set. 1979). p. 211-38.

¹ Mestre em Ciências da Religião e Doutorando em Estudos judaicos. Bacharel em Teologia. Professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

² Veja Sábio e Sabedoria em SIQUEIRA, Tércio Machado. *Tirando o pó das palavras*, p.65.

³ Dessa palavra vem o nome do livro *mishlei*.

⁴ Almeida Revista e Atualizada. *Itálico meu*. As próximas referências seguem esta versão.

⁵ *Itálico meu*.

⁶ Exemplos retirados de BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. VI. 1, p.185.

⁷ Ver SCHWANTES, Milton. Sabedoria, sentenças sapienciais e provérbios – questões em debate – uma breve introdução temática. In.: *Sentenças e provérbios*. p.13-16

⁸ Veja CERESKO, Anthony. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. p.24-26

⁹ Outro rei que necessitou de aumento de funcionários na corte fora Ezequias, que, após a queda de Samaria (722a.C), acolheu parte da população de Israel/Norte, demandando aumento administrativo. Não é sem propósito que seu nome aparece como compilador em Provérbios 25, 1.

¹⁰ BAKOS, Margaret Marchiori. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. p.37 sugere a contemporaneidade entre as Instruções de Amenemopet e a construção do Estado Israelita. Veja discussões sobre a data em BLACK, James Roger. *The Instruction of Amenemope: a critical edition and commentary prolegomenon and prologue*.p.212-293, e ainda WALTKE, Bruce K. *The Book of Proverbs and Ancient Wisdom Literature*.

¹¹ Retirado de PRITCHARD, James B. (edit.) *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. p.424

¹² Talvez Provérbios ou boa parte dele, tenha sido compilado mais especificamente para o ensino do filho do rei, para que aprendesse a administrar com sabedoria o reino: a isso poderia contribuir a *Instrução de Amenemopet*, que escreve a seu filho, as palavras da mãe de Lemuel (31, 1-9), educando-o para ser um bom rei, ou ainda a constante utilização de *beni* "filho meu" que pode indicar mais que uma relação de proximidade entre professor e aluno.